

Tema esteve ontem em discussão em Ponta Delgada

Alterações climáticas irão continuar a acentuar vulnerabilidades do arquipélago

Invernos com mais chuva e Verões mais secos, maior risco de salinização da água doce subterrânea que é utilizada para consumo humano devido à subida do nível médio da água do mar, um maior risco de cheias e o aumento da temperatura são, de uma forma geral, os principais obstáculos que, a médio e a longo prazo, se deverão continuar a sentir nos Açores com as constantes alterações climáticas provenientes do aquecimento global.

Tendo em conta que a temática das alterações climáticas tem atraído cada vez mais a atenção de investigadores, governos e autarquias, a cidade de Ponta Delgada acolheu durante o dia de ontem um workshop da Smart City Tour 2019 centrado neste tema e que, pela voz de vários especialistas e de várias entidades, procurou aumentar o nível de informação existente e particularizar alguns dos efeitos que possam surgir nos Açores.

Foi o caso de Virgílio Cruz que, durante a manhã de ontem, procurou falar de alguns dos efeitos das alterações climáticas nos Açores, nomeadamente no que diz respeito às temperaturas médias, à precipitação, ao abastecimento de água e às vulnerabilidades que caracterizam o arquipélago nestes sentidos.

Assim, socorrendo-se de um trabalho onde participaram também investigadores da Universidade dos Açores, o professor universitário afirmou que, durante os próximos 80 anos, e por consequência dos efeitos que se pensa que estarão a ter as alterações climáticas e o aquecimento global no nosso ecossistema, “é indubitável que a tendência para a precipitação no Inverno aponta para um aumento da precipitação nos Açores”. Deste modo, até ao ano 2100 as previsões apontam que ocorra precipitação em períodos temporais mais curtos, enquanto no Verão a tendência será para que haja “uma menor precipitação relativamente aos valores actuais”.

Com base no novo modelo hidrológico para 2071 e 2100, Virgílio Cruz afirma que “tendo como referencial a alteração do regime hidrológico nos Açores e o aumento de temperaturas”, também previsto como um dos efeitos do aquecimento global que se irá fazer sentir à escala mundial, “o que é certo é que aquela diferença que se verifica hoje entre uma precipitação média nos Açores na ordem dos 1930 milímetros e uma evapotranspiração real na ordem dos 581 milímetros vai ter tendência a ser alterada”.

Neste sentido, esclarece que, nos Açores, “termos mais evapotranspiração real e uma menor precipitação útil e, portanto, é suposto que em muitas ilhas do arquipélago o valor de recarga caia de algum modo e, em algumas regiões, substancialmente”, o que poderá colocar desafios no consumo de água, uma vez que “nos Açores 98% do abastecimento de água para consumo humano é feito a partir de águas subterrâneas”.

Outro aspecto sobre o qual a possível diminuição da recarga terá efeito, adianta Virgílio Cruz é, também, a salinização dessas mesmas reservas de água subterrânea, por intermédio da subida do nível médio das águas do mar que dizem respeito não



Virgílio Cruz foi um dos oradores do evento



apenas aos Açores mas sim ao mundo como um todo.

“Nós vivemos em ilhas e, portanto, a mistura entre a água salgada do mar e a água doce é, muitas vezes, um problema nos aquíferos costeiros. Aliás, em muitos furos realizados em sete das nove ilhas – tendo em conta que não são realizados furos nem nas Flores nem no Corvo –, muitos deles têm indícios de salinização e, inclusivamente, fazem com que na Graciosa

e no Pico existam massas de água que estão em estado medíocre de acordo com os critérios da Directiva Quadro da Água e Lei da Água”, adiantou o investigador.

Deste modo, e com base nos estudos que têm sido levados a cabo nesta área pela Universidade dos Açores em parceria com a Direcção Regional do Ambiente, Virgílio Cruz classifica como “agudos” os problemas que existem em algumas ilhas relativamente à salinização da água doce, especialmente nas

ilhas do Grupo Central, afirmando que este será um problema que, devido às mudanças que se têm feito sentir em relação ao clima, “se poderá agravar num futuro relativamente próximo”.

Segundo o investigador, este agravamento poderá ser sentido com especial impacto nos Açores devido também às condições hidrogeológicas que existem no arquipélago, uma vez que há também uma “alta vulnerabilidade à salinização dos aquíferos costeiros”, algo que se faz sentir principalmente nas ilhas do Pico e Graciosa, uma vez que “toda a faixa costeira daquelas ilhas está considerada como de vulnerabilidade elevada para os fenómenos da salinização da água subterrânea, sendo o primeiro caso de estudo que importa realçar como eventual impacto das alterações climáticas aqui nos Açores”.

Ao longo da intervenção do professor universitário, foi ainda mencionado um segundo caso de estudo, desta vez relacionado com a ocorrência de cheias, fenómeno que ocorre quando há “um escoamento superficial directo em função de um fenómeno extremo” e que já provocou estragos por diversas vezes no arquipélago, quer com as cheias que ocorreram na Povoação no ano de 1996 ou as cheias que invadiram a baía de Angra do Heroísmo no final do passado mês de Fevereiro, por exemplo.

“Este é um problema grave e que, potencialmente, se irá agravar porque iremos ter tendência para uma maior precipitação no Inverno e mais concentrada no tempo, com maior intensidade, e isto é agravado ainda pelas condições de vulnerabilidade locais. Nós temos bacias hidrográficas que são de pequena dimensão, com declives acentuados, com tempos de concentração muito curtos e a isto associa-se a questão dos usos do solo, uma vez que houve uma modificação nas últimas décadas de floresta que passou a pastagem, e com isso um acentuar da facilitação do escoamento de superfície, uma menor retenção de água nos solos, aspectos que acentuam a vulnerabilidade das populações dos Açores e das populações urbanas em geral”.

Entre os trabalhos que têm sido desenvolvidos nesse sentido, uma vez que a União Europeia exige que todos os Estados-membros cumpram a directiva para a avaliação e gestão dos riscos de inundações, adaptada internamente, foram identificadas na Região cinco bacias hidrográficas com riscos potencialmente significativos, e destas duas estão localizadas na ilha de São Miguel, nomeadamente a Ribeira Grande e Ribeira da Povoação.